

### Etnografar as “paisagens evanescentes” da Amazônia

Émilie Stoll  
Edna Alencar  
Chantal Medaets  
Ricardo Folhes

Na segunda metade do século XX, grupos sociais que habitam as áreas rurais da Amazônia brasileira, especificamente aqueles situados às margens de rios e lagos, têm sido objeto de estudos que deixam evidentes os desafios de classificá-los a partir de conceitos estabelecidos, como o conceito de camponês e a variante “campesinato tradicional da Amazônia ribeirinha”, forjados no intuito de distingui-los de grupos de migração recente (LIMA; POZZOBON, 2005; LIMA-AYRES, 1992)<sup>1</sup>. Categorias analíticas como “caboclo” e “ribeirinho” também são utilizadas numa tentativa de estabelecer uma classificação dessas populações diante da diversidade de formas de organização social e interação com o ambiente e as paisagens. Nos diferentes estudos, grande ênfase é dada às características do ambiente, especialmente às várzeas e áreas ribeirinhas, como um fator para compreender as particularidades do modo de vida que ali se desenvolve (ADAMS; MURRIETA; NEVES, 2006; FRAXE, 2011; LIMA, 1999; NUGENT, 1993; PARKER, 1985). Esses trabalhos ampliaram os temas e métodos de abordagem desenvolvidos nas pesquisas pioneiras sobre populações estabelecidas nas proximidades dos rios da Amazônia realizadas por Charles Wagley (1977) e Eduardo Galvão (1976), que se situam, no campo da antropologia brasileira, nos “estudos de comunidade”<sup>2</sup>.

---

1. Nessas regiões, os termos “caboclo”, “campesinato histórico” e “populações tradicionais” têm sido, no entanto, aplicados para fazer referência aos grupos que combinam elementos do campesinato (família como unidade de produção e consumo, relação com mercado, etc.) com os usos múltiplos de recursos naturais, baseados no extrativismo vegetal e animal, na agricultura e, em alguns casos, na pequena pecuária.

2. Termo usado para se referir às pesquisas que tomavam como universo de estudo pequenas cidades ou vilas da zona rural.

Estudos mais recentes, desenvolvidos nos anos 1980-1990, tomaram a forma de reflexões temáticas sobre, por exemplo, a vida material e a economia doméstica (LIMA-AYRES, 1992), as atividades produtivas e sua inserção no mercado (BRONDIZIO et al., 1989; MORAN, 1993), o manejo de recursos pesqueiros (ARAÚJO, 1994; CASTRO; MCGRATH; FUTEMMA, 1994; FURTADO, 1993) e florestais (BALÉE, 1989; POSEY; BALÉE, 1989; SMITH, 1996), a agricultura da várzea (CHIBNIK, 1994; HIRAOKA, 1993; LIMA-AYRES, 1992; PADOCH, 1999), o catolicismo popular (MAUÉS, 1995), os cultos urbanos de possessão (BOYER-ARAÚJO, 1993), a pajelança cabocla e suas entidades (CRAVALHO, 1999; FAULHABER, 1987; MAUÉS, 1990; SLATER, 1994).

No final dos anos 1990 e início dos anos 2000, alguns autores ampliaram as abordagens desses trabalhos ao apresentar análises bastante originais sobre processos de transformação das paisagens alagáveis da Amazônia (em áreas de várzea, beiradões, zonas estuarinas e costeiras) e sua relação com as identidades e práticas dos seus habitantes. Apontamos três autores cujos estudos consideramos particularmente instigantes: a brasileira Edna Alencar, o britânico Mark Harris e o francês Thierry Valentin, que mostraram a importância de se considerar as características dos ambientes e os modos de habitar e agir nas e com as paisagens para compreender a maneira como os habitantes constroem suas representações de mundo. Esses três autores realizaram pesquisa de campo na Amazônia brasileira nos anos 1990 e defenderam ou publicaram suas teses no início dos anos 2000. Vinculados a projetos e a instituições acadêmicas situadas em países diferentes, os resultados das pesquisas foram divulgados de maneira separada, sem que um diálogo fosse estabelecido entre eles. São trabalhos reconhecidos até hoje como referências para as três áreas onde realizaram suas observações de campo, respectivamente, o curso médio do rio Solimões<sup>3</sup> (nas proximidades da cidade de Uarini, estado do Amazonas), o baixo curso do rio Amazonas (região de Óbidos) e a região costeira do estado do Pará (zona Bragantina). No entanto, o fato de esses três autores partilharem um mesmo interesse pela agência das paisagens e pela interação de seus interlocutores com elas, analisando esse tema de um ponto de vista antropológico, não tinha ainda, a nosso conhecimento, sido apontado. Consideramos esses trabalhos como obras pioneiras, que analisaram a relação homem-paisagem na Amazônia num período em que a necessidade de questionar e qualificar a dicotomia sociedade-natureza torna-se central para a antropologia, como veremos adiante.

Gostaríamos portanto, neste livro, de dar destaque às pesquisas de Alencar, Harris e Valentin, considerando-as como um conjunto em que se pode observar, até certo ponto, uma coerência metodológica e conceitual. Faremos isso trazendo textos de dois desses autores, assim como a contribuição de outros pesquisadores

---

3. Solimões é o nome dado ao rio Amazonas acima de Manaus.

que, baseados em estudos etnográficos, analisam a relação homem-paisagem na Amazônia, pensando seus termos como sendo coconstitutivos. Há, de fato, estudos desenvolvidos por uma nova geração de antropólogos (por ex. FOLHES, 2016; SAUMA, 2013; STOLL, 2014) que integraram contribuições desses autores e dialogam com temas que fazem parte de debates atuais na antropologia, como a antropologia simétrica, as novas formas de escrita e de narração, as várias agências em ação em tempos de antropoceno e o engajamento militante dos pesquisadores nas lutas sociais dos coletivos com os quais trabalham. Assim, os textos dessa coletânea pretendem responder às seguintes perguntas: como os moradores das margens dos rios amazônicos percebem as transformações em suas paisagens? Num contexto de globalização e de ampla circulação de ideias, artefatos e pessoas, quais são os agentes percebidos como responsáveis por essas transformações? De que maneira o estudo das relações entre os coletivos (humanos, não humanos) e as paisagens nos permite apreender aspectos da socialidade na Amazônia?

### **Três estudos pioneiros da interação entre paisagens e identidade na Amazônia**

Entre 1992 e 1994, Mark Harris realizou, para seu doutorado, uma pesquisa de campo em comunidades ribeirinhas na costa do rio Parú, no município de Óbidos (estado do Pará), região do Baixo Amazonas. Nessa área de várzea, a oscilação do nível das águas entre as estações de seca e de chuva é de aproximadamente seis metros. Os habitantes podem ficar o ano todo em suas casas construídas sobre palafitas e desenvolvem atividades econômicas como a criação de gado, a pesca, a agricultura de ciclo curto, e a produção de juta. Na sua tese, publicada em inglês pela British Academy em 2000 (HARRIS, 2000), Harris estuda como os habitantes do rio Parú constroem suas identidades através da sua experiência da história e do seu engajamento contínuo num mundo vivido – ou seja, na materialidade da vida quotidiana – marcado pelos ciclos das águas (cheia e seca) e pelas transformações das paisagens (2000, p. 8). O ritmo da vida e das práticas (econômicas, agrícolas, religiosas, etc.) das pessoas acompanha os ciclos sazonais e os movimentos das águas. Harris mostrou como a temporalidade (cíclica) que caracteriza a várzea do Parú influencia as relações sociais, e como esse modo de viver, tão marcado pela água, contribui para fabricar uma paisagem social e de trabalho particular (as comunidades de casas de palafitas, as plantações de ciclo curto, a criação de gado, a vida social contraída da estação chuvosa, etc.). A vida social sofre variações ao longo do ano, e, segundo Harris, há mais restrições de mobilidade na estação chuvosa, e maior mobilidade na estação da seca. Porém, o autor não trata o ambiente como um fator que determina totalmente a vida dos moradores dessa região, como se eles apenas “se adaptassem” a essa paisagem



- Edna Alencar: várzea do rio Solimões, RDS Mamirauá, município de Uarini – Amazonas.
- Mark Harris: várzea do rio Parú, município de Óbidos – Pará.
- Thierry Valentin: ecossistema de mangue, Praia Grande, região bragantina, litoral atlântico – Pará.

Localização dos estudos de caso de Alencar, Harris e Valentin.

Realização: Laurence Billault (IRD).

particular. Trata-se, como Harris explicita no texto que traduzimos para esta coletânea, de centrar a análise nas interações entre, de um lado, as pessoas, suas escolhas e hábitos, e de outro as paisagens em constante transformação. Com esse enfoque nas interações, Harris se distancia de uma literatura que apresentava as populações caboclas como o produto da adaptação dos homens a pressões externas, principalmente econômicas (demanda do mercado) e ecológicas (a Amazônia, um meio ambiente hostil).

Em 1994, Thierry Valentin também esteve na região de Óbidos, antes de escolher fazer sua pesquisa de doutorado, entre 1999 e 2000, em comunidades costeiras da zona Bragantina, no litoral atlântico do estado do Pará, não muito longe do estuário do rio Amazonas. As pessoas desta região vivem principalmente da pesca e da agricultura familiar, num ecossistema marítimo e de mangue. A tese de doutorado de Valentin foi defendida na Universidade Lumière Lyon 2, na França, em 2001 (VALENTIN, 2001). Inédito até hoje, esse trabalho teve pouca divulgação e o autor não continuou publicando, já que optou por uma carreira na diplomacia. Escolhemos, no entanto, incluir sua pesquisa como uma referência porque foi recebida na França como um trabalho inovador tanto na forma da escrita quanto no foco escolhido para a etnografia. Valentin tece, de fato, toda a narrativa da tese em torno de um acontecimento cataclísmico ocorrido 26 anos antes: a submersão e a destruição da Praia Grande onde ficava o povoado homônimo, levada por uma onda gigante. Em consequência, a comunidade foi extinta e os moradores, os *praianos*, se deslocaram para outros povoados e vilas da região. A originalidade do trabalho é a construção da narrativa, que parte desse

evento de destruição de uma praia, para abordar questões como o vínculo das pessoas aos lugares, sua identidade e sua relação com entidades não humanas. Valentin mostra o quanto as trajetórias sociais e espaciais das pessoas foram afetadas pela submersão da praia. Esse evento remoto criou um sentimento forte de pertencimento à Praia Grande (praia e comunidade) por parte de seus antigos moradores, que se dispersaram em diversos municípios da região. Esse sentimento de ser *praiano* está associado à uma sensação de culpa ligada à maneira pouca cuidadosa com a qual os antigos moradores teriam tratado sua praia: dotada de uma agência própria, a praia teria resolvido *partir*. Valentin traz assim à tona a percepção de populações costeiras sobre a agência de elementos da paisagem – como a praia, já que, para seus interlocutores, foi ela que decidiu deixá-los.

Rio acima, Edna Alencar desenvolveu estudos em 1993 na região da várzea do médio Solimões<sup>4</sup>, com o objetivo de conhecer o processo de formação dos povoados e, com isso, ter acesso ao modo como as pessoas interagem com o ambiente ao escolher os lugares para construir suas casas, roças, etc. A pesquisa utiliza as memórias dos moradores sobre a história dos lugares, cujas narrativas mencionavam a intensa dinâmica da paisagem e evidenciavam os modos como percebiam e explicavam as transformações da paisagem. Essa região está sujeita a grandes variações no nível das águas, maiores do que aquelas observadas no Baixo Amazonas por Mark Harris, podendo atingir até 12 metros de amplitude. Em decorrência, as alterações das paisagens são mais intensas e, muitas vezes, a correnteza destrói os terrenos situados às margens do rio, e até ilhas inteiras. Esse fenômeno é localmente conhecido como *terras caídas*. Em 2000 e 2001, Alencar retornou a essa região para fazer a pesquisa de campo de seu projeto de tese de doutorado, que foi defendida na Universidade de Brasília em 2002 (ALENCAR, 2002). Essa autora foca seu olhar principalmente na convivência dos habitantes do povoado de São João, município de Uarini, Amazonas, com o fenômeno das *terras caídas*. Ao cair, a terra arranca o chão onde estão fixadas as casas e as roças dos moradores, e provoca a extinção dos povoados, quando as casas precisam ser reconstruídas em outras terras. Esse fenômeno incentiva práticas de mobilidade dessa população ribeirinha, e participa da construção de um conhecimento fino sobre a dinâmica do meio ambiente e as agências que transformam as paisagens. Os referenciais ambientais que surgem da transformação da paisagem (pontas, ilhas, ressacas, etc.) tornam-se símbolos que marcam as alteridades e identidades associadas ao lugar, e forjam assim a identidade do grupo social. Na sua tese, Alencar propõe uma reflexão conceitual sobre a paisagem e, desde então, ela

---

4. Na época, a autora integrava um projeto que tinha como objetivo conhecer o processo de ocupação humana de uma parte da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (RDS Mamirauá), onde foram realizados os estudos pioneiros visando à implementação dessa Unidade de Conservação (AYRES; MOURA; LIMA-AYRES, 1994; LIMA; ALENCAR, 2001; LIMA; ALENCAR, 2000).

tem publicado artigos nos quais procurou desenvolver essa discussão, com base no material etnográfico da tese e em outros trabalhos de campo que continua realizando na mesma região. O capítulo 2 desta coletânea inscreve-se nesse caminho de reflexão.

Esses três autores realizaram estudos em três regiões alagáveis, conectadas entre si pelo rio Amazonas, e cujas paisagens são bastante diferentes, mas têm em comum o fato de serem afetadas pela variação do nível das águas: seus moradores veem assim, a cada ano, parte de suas terras serem alagadas e acompanham atentos as transformações constantes das paisagens. Esses autores partem de problemáticas diferentes – o ritmo do trabalho atendendo aos regimes de enchente e seca (Harris), as agências não humanas na construção da memória de um lugar destruído (Valentin), a mobilidade dos povoados diante do fenômeno das *terras caídas* (Alencar) – mas têm em comum o objetivo de mostrar como a interação entre as pessoas e as dinâmicas das paisagens participam na construção de uma identidade social e relacional, baseada no conhecimento do meio ambiente ribeirinho e na transmissão de memórias topográficas ligadas a lugares que mudaram ou desapareceram. Nesse sentido, esses estudos se diferenciam dos demais produzidos na mesma época por escolher um foco que não é nem o das populações ribeirinhas *per se* nem a da várzea enquanto ecossistema. Harris, Valentin e Alencar descrevem a interação entre os humanos e o meio ambiente para ancorar suas etnografias. Esses trabalhos não se restringem apenas a um determinado contexto regional, pois se inscrevem em debates científicos mais amplos num período em que se consolidam as reflexões sobre as interações entre sociedades e o meio ambiente.

## Uma antropologia que reconecta o ambiente com o *anthropos*

Nos anos 2000 multiplicam-se etnografias que estendem seu olhar para além do humano, privilegiando a percepção das populações estudadas sobre o ambiente e sobre seres que eles consideram como dotados de uma agência própria, principalmente animais e vegetais, que até então eram relegados ao status de elementos de uma natureza considerada como separada do *anthropos*, do social. Diversas reflexões foram publicadas sobre o que se tornou uma categoria metodológica e analítica, os “não humanos”. Na Europa, Tim Ingold publica o livro *The Perception of the Environment* (2000b)<sup>5</sup>, no qual desenvolve uma perspectiva ecológico-fenomenológica de considerar o mundo (INGOLD, 2000a; 2017,

5. Sob iniciativa do antropólogo brasileiro Carlos Steil (UFRGS), o livro encontra-se em fase de tradução para o português pela editora Vozes, que já publicou, em 2015, uma tradução do livro mais recente de Ingold, *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description* (*Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*) (INGOLD, 2015).

p. 157). Philippe Descola abre a cátedra de “antropologia da natureza” no Collège de France (Paris) e propõe dividir em quatro “ontologias” a maneira como as sociedades humanas se relacionam com o mundo (DESCOLA, 2005)<sup>6</sup>. No Brasil, Eduardo Viveiros de Castro consolida sua teoria do “perspectivismo ameríndio”, para falar de uma maneira de enxergar o mundo própria das populações indígenas das terras baixas da América do Sul (VIVEIROS DE CASTRO, 1996). Essa mudança nas abordagens dos conceitos de natureza e cultura pretende desconstruir o paradigma dualista que caracterizou o fazer antropológico desde os primórdios, paradigma que opunha uma ordem da natureza a uma ordem da cultura. Para esses autores, essa separação deixa evidente a imposição de uma visão eurocêntrica, de uma maneira peculiar de perceber o mundo, que é usada para interpretar outras epistemologias. Esses trabalhos mostram que a percepção do que seria “natural” ou “cultural” varia de uma sociedade para a outra, dependendo da experiência prática das pessoas ao interagir com outros elementos do seu ambiente. Eles permitem integrar uma dimensão propriamente ecológica à maneira de estudar os coletivos e suas interações<sup>7</sup>, e inscrevem plenamente a antropologia no projeto das chamadas “humanidades ambientais” (BLANC; DEMEULENAERE; FEUERHAHN, 2017). Na era do antropoceno, os não humanos devem ter sua própria história, que se cruza com a história dos humanos numa rede de perspectivas interconectadas. Essas ecologias e a reconexão da natureza com o *anthropos* (DEMEULENAERE, 2017) abrem caminhos para estudos das paisagens integrando novos sujeitos, novas agências e novas perguntas para a antropologia<sup>8</sup>. Tim Ingold, especialmente, oferece ideias instigantes para etnografar paisagens, em particular as paisagens da Amazônia ribeirinha. Para esse autor, o ambiente não é uma “construção cultural da natureza”, mas um “processo em tempo real, em crescimento e em desenvolvimento” (INGOLD,

---

6. Se essa obra não foi ainda traduzida para o português, na revista *Tessituras*, o artigo “Além de natureza e cultura” (DESCOLA, 2015) traz pontos relevantes do pensamento de Descola, assim como o pequeno livro *Outras naturezas, outras culturas* (DESCOLA, 2016), tradução de uma conferência dada pelo autor em 2007.

7. Com a noção de “ecologia da vida” derivada da “ecologia do espírito” de Gregory Bateson, ou da “ecologia do sensível”, Tim Ingold lembra que o mundo inteiro – e não apenas os humanos – está “saturado de subjetividade e de intencionalidade” (INGOLD, 2000a, p. 14). Para dar legitimidade aos discursos dos nossos interlocutores não ocidentais, e assim reconectar com o processo da vida, é necessário se desfazer da ideia de uma superioridade da razão abstrata ou universal e nos (re)situar numa relação ativa e dinâmica com o nosso meio ambiente. Para Philippe Descola, deixar de lado o nosso antropocentrismo permite realizar uma “ecologia das relações” (DESCOLA, 2011, p. 13) entre humanos e não humanos.

8. Por exemplo, entre 2011 e 2014, na cátedra de Antropologia da Natureza do Collège de France, Philippe Descola proferiu um curso intitulado “As formas da paisagem”. O áudio do curso é disponível online na URL: <https://www.college-de-france.fr/site/philippe-descola/course-2011-2012.htm>



2000a, p. 20) que depende do engajamento perceptivo<sup>9</sup> de uma pessoa no mundo (p.21). Sua proposta é integrar a dimensão temporal e o movimento – ou seja, o ritmo – no estudo do ambiente e da paisagem. O tempo que passa é, para ele, inerente à paisagem que seria “um registro durável – e ao mesmo tempo um testemunho – das vidas e dos trabalhos das gerações do passado que habitaram nela, e que, ao fazê-lo, deixaram ali algo de si mesmos” (INGOLD, 2000c, p. 189, tradução nossa). A palavra-chave aqui é o conceito de “habitar” (*dwelling*), que ele empresta do filósofo Martin Heidegger, já que a paisagem se forja através do ato de habitar o ambiente, de trabalhar nele, de transitar por seus caminhos. Assim, para Ingold, “a paisagem é o mundo tal como conhecido para os que moram nele, que habitam seus lugares e que caminham ao longo das trilhas que os conecta” (INGOLD, 2000c, p. 193, tradução nossa). Ao integrar a temporalidade e o movimento a sua “poética do habitar” (2000a, p. 26), Ingold propõe assim o conceito de “taskscape” (2000c, p. 190) para designar o ritmo das atividades sociais do habitar o mundo. Essa abordagem foca então nos processos em devir. Esse conceito e essa maneira de olhar a paisagem é particularmente pertinente para analisar a vida dos habitantes dos rios amazônicos, ritmada pela “evanescência” que caracteriza as paisagens da região.

## Da pertinência de estudar a “evanescência” das paisagens ribeirinhas da Amazônia

As paisagens das planícies alagáveis da Amazônia são, de fato, caracterizadas por mudanças sazonais, ritmadas pelos regimes de enchente e vazante das águas dos rios e, nas áreas estuarinas e costeiras, pelo regime diário de variação das marés. Essas paisagens são alteradas por diversos fatores que transformam sua morfologia quando, de um ano para outro, ocorre a erosão – destruição de terrenos levados pelas águas – e a sedimentação – que permite a formação de novas ilhas e praias. Trata-se então de paisagens em movimento perpétuo (HARRIS, 1998) que, durante uma parte do ano, escapam da vista quando ficam submersas sob as águas. Em outros casos, apenas se mantêm na memória das pessoas (ALENCAR, 2002; 2007; 2013), porque foram levadas pelas águas (VALENTIN, 2001). O ritmo e o movimento são, portanto, dois elementos estruturais nesse ecossistema. Qualificamos de “evanescentes” essas paisagens em constante transformação para insistir no ritmo e no movimento, entendidos não apenas como dados do ecossistema, mas sim como dinâmicas participando de um processo em perpétuo devir, acionado por várias agências, humanas e não humanas.

---

9. Tim Ingold usa o conceito de “percepção (visual)” tal como foi elaborado por James Gibson, ou seja, como uma interação ecológica entre um corpo e o ambiente.



Para viver nesse tipo de ambiente ribeirinho amazônico, os habitantes desenvolvem diferentes maneiras de interagir com suas paisagens; compreender as características e as temporalidades das suas paisagens é, para eles, fundamental. Essa evanescência influencia também, sem determinar, a maneira com que os moradores constroem materialmente sua vida e suas atividades produtivas (as casas erguidas sob palafitas, flutuantes ou ainda localizadas longe das beiras; a circulação de pessoas, do gado e mesmo de algumas plantas, levados de um terreno alagado a terras mais altas, ao longo do ano, etc.)

Por esses motivos, os estudos supracitados, realizados entre os anos 1990 e 2000, assim como aqueles que apresentamos nesta coletânea, encontraram uma ressonância particular nas reflexões desenvolvidas por Tim Ingold, ora mobilizando conceitos como o “taskscape” (HARRIS, 1998; 2000; 2012), ora focando nas dinâmicas temporais e na mobilidade intrínseca a essas paisagens, identidades sociais e modos de vida (ALENCAR, 2002; HARRIS, 1998; 2000; 2005; VALENTIN, 2001, p. 20). Desenvolveram uma etnografia fluida, que segue os meandros interacionais de um mundo em devir mais do que as estruturas formais de uma cultura estabilizada.

Embora esses trabalhos possam ser inscritos em uma perspectiva relacional do habitar, ao integrar o ritmo como parâmetro estruturante da etnografia, não ficaram presos à ideia de uma paisagem que enfatiza somente a *forma* cavada na textura da terra, ou seja, o visível. Trazem sua contribuição ao descrever paisagens físicas, sociais e de trabalho que têm como característica primeira o fato de se subtraírem a vista, por estarem parte do ano imersas ou por serem definitivamente destruídas pelas águas.

### **Novas pesquisas, novas trilhas para o estudo das paisagens “evanescentes”**

Os trabalhos de Alencar, Harris e Valentin abrem pistas que vêm sendo exploradas e prolongadas em trabalhos mais recentes. Com essa coletânea, quisemos dar visibilidade a esses trabalhos iniciais, retomando seus temas e convidando autores que trabalham nos mesmos lugares. Nesse sentido, o primeiro capítulo é uma versão revisitada e ampliada da tradução de um artigo de Mark Harris, inicialmente publicado em 1998 no *The Journal of the Royal Anthropological Institute*. Este artigo representou um marco fundamental para aqueles que se interessam sobre o tema; nele, o autor explicita a relação entre sazonalidade e socialidade, utilizando a noção de *taskscape*. Harris mostra que, para as populações ribeirinhas da costa do rio Parú (município de Óbidos, Pará), a sazonalidade é constituída pelo movimento de pessoas e pela estrutura rítmica das suas atividades sociais, que entram em ressonância com as transformações periódicas do seu ambiente de várzea.

Em seguida, a coletânea dá um passo à frente ao perguntar: como os habitantes da Amazônia dos rios percebem a evanescência constituinte do seu ambiente? Num mundo mais e mais globalizado, quais são os agentes, novos e antigos, da transformação das paisagens? Como a percepção da evanescência da paisagem está integrada nos discursos políticos dos grupos estudados, e como dialoga com o direito fundiário dessas populações?

A coletânea propõe então, depois do capítulo inicial, dois textos sobre trajetórias e circulações de pessoas, roças e animais que respondem às mudanças sazonais e às transformações fortuitas das paisagens de várzea.

No segundo capítulo, Edna Alencar revisita a região onde fez a pesquisa de sua tese de doutorado, na RDS Mamirauá (médio Solimões, estado do Amazonas) e relata a história da comunidade de São Francisco de Boia. Como é muito comum na região, as famílias desse povoado tiveram que se mudar várias vezes e reconstruir suas casas e roças à medida que o fenômeno de erosão – as *terras caídas* – avançava, destruindo os terrenos dos lugares habitados. Diante dessa situação, muitas famílias resolveram construir casas flutuantes, em substituição às casas em palafitas. Graças a elas, os habitantes podem permanecer em determinados lugares com os quais têm um vínculo forte. A autora mostra que as paisagens continuam vivas nas memórias das pessoas, mesmo quando não existem mais fisicamente. O fenômeno das *terras caídas* incita também as pessoas a ler constantemente e com grande atenção seu ambiente, buscando indícios que permitam antecipar uma transformação futura da paisagem, como a observação da evolução de uma praia ao longo dos anos e, dessa forma, poder agir estrategicamente e antecipar suas ações às ações do ambiente.

No capítulo três, Ricardo Folhes descreve a prática de transumância do gado e dos moradores da região do Lago Grande de Curuai (município de Santarém, região do Baixo Amazonas). Buscando tirar proveito dos dois ecossistemas a que têm acesso, a várzea com suas terras férteis, mas alagáveis, e a terra firme que acolhe os animais durante a cheia, os moradores organizam o transporte do gado e outros animais menores de criação para terrenos situados em um ou outro ambiente, de acordo com o nível das águas. Distanciando-se de uma compreensão que reduz essa mobilidade sazonal a uma simples adaptação a padrões ecológicos e climáticos, Folhes mostra que levar em conta as relações de poder econômico e político entre os moradores é fundamental para entender a configuração atual do uso dos terrenos nos dois ecossistemas.

Os dois capítulos seguintes exploram o vínculo que os moradores constroem com o lugar em que habitam, através das interações entre humanos e não humanos, estes últimos sendo considerados os *donos* desses mesmos lugares. As autoras

levam também em conta, em suas análises, o contexto político de reivindicação por um reconhecimento identitário, quilombola e indígena, respectivamente.

No capítulo 4, Julia Sauma explora os meandros da história do povoamento do rio Erepecuru, um afluente do rio Trombetas (município de Oriximiná, estado do Pará, região do Baixo Amazonas), por populações quilombolas. O acesso à terra só se deu depois de uma transação com as cobras grandes encantadas *donas* daquele rio, que “abriram uma passagem para os negros fugidos se estabeleceram ali”. Até hoje, a permanência das famílias no lugar depende de um equilíbrio sutil entre as forças do corpo das pessoas, aquelas dos lugares onde moram e aquelas dos seres encantados que também residem ali. A paisagem é o reflexo da convivência harmoniosa entre os chamados *filhos* do Erepecuru, e entre estes e os encantados. Essa concepção de lugares que seriam forjados nas interações entre humanos e não humanos ancorou reivindicações territoriais dos filhos do Erepecuru para a demarcação de uma área quilombola, finalmente criada em 1997. Central a essa descrição é a ideia colocada pelos moradores de que a sua área pertence, primeiro, aos *invisíveis*: seres e *forças* que participam no seu jeito de viver. Busca-se, assim, complementar o trabalho feito pelo conceito de paisagem na antropologia, trazendo o *invisível* para o campo analítico.

No capítulo 5, Emilie Stoll mostra como as interações malsucedidas entre as famílias que ocupam as margens do rio Arapiuns (último afluente do rio Tapajós, município de Santarém, estado do Pará, região do Baixo Amazonas) e os seres encantados que vivem no nível subaquático afetam as paisagens ribeirinhas. Para poder residir numa determinada ponta ou cabeceira, os humanos precisam negociar os termos de uma corresidência com os não humanos, já que estes últimos são considerados como os *verdadeiros donos dos lugares*. O domínio sobre a terra, em longo prazo, está diretamente ligado à relação de confiança estabelecida entre coletivos humanos do passado e do presente e os coletivos encantados. As narrativas sobre estas interações contam a história das várias “camadas” de ocupantes do lugar ao longo do tempo. Esses diferentes coletivos formam os diferentes elos de uma cadeia hierarquizada de *donos*, numa região onde existem fortes pressões sobre o domínio da terra.

O último conjunto de textos da coletânea trata das relações entre o rural e o urbano, num contexto marcado por mudanças rápidas nas paisagens do trabalho situadas nas periferias de duas metrópoles amazônicas.

O capítulo 6 propõe uma reflexão de Edna Castro sobre as transformações, no decorrer do tempo, das paisagens da cidade ribeirinha Belém (capital do estado do Pará, no estuário do rio Amazonas) e das suas ilhas, à medida que chegam novos atores, novos empreendimentos vinculados ao mercado global e

num contexto de urbanização crescente. A partir da reflexão crítica da teoria do desenvolvimento, a autora examina as relações rural-urbano e as contribuições de diferentes grupos sociais no processo de transformação das paisagens. As paisagens aparecem então como catalisadoras de diversas experiências culturais, políticas e sociais que se entrecroçam.

No capítulo 7, Véronique Isabelle e Flavio Silveira de Abreu propõem uma etnografia poética das paisagens de lama nas quais vivem as populações ribeirinhas de uma ilha do entorno da cidade de Belém, no estuário do rio Amazonas. Os autores descrevem as práticas sociais e habilidades corporais dos moradores nos vários tipos de lama que compõem as diferentes fases de transição entre o meio aquático e o meio terrestre. A figura do enlameado, como expressão da mescla de matérias, nos leva a percorrer junto com os autores as margens-devir da metrópole urbana, pelos “braços-barcos” que a ligam com o mundo das ilhas situadas ao seu redor.

O capítulo 8, assinado por Raquel Salgado Marques e Elenise Faria Scherer, encerra a coletânea com uma descrição das formas de trabalho precário na paisagem urbano-fluvial do porto do Cacao Pirêra (município de Iranduba, em frente à cidade de Manaus, médio rio Amazonas). Com a construção da ponte sobre o Rio Negro, a paisagem mudou, bem como os fluxos de consumidores da feira que ali acontece. Novas oportunidades emergem enquanto outras se fecharam. As autoras mostram como a construção da ponte fez emergir um novo território de trabalho e produziu uma série de mudanças na paisagem do porto e dos bairros periurbanos.

## Uma contribuição amazônica para um debate mais amplo

Esperamos assim oferecer ao leitor interessado na relação homem-paisagem um panorama de pesquisas amazônicas recentes que aceitaram o desafio de pensar essa relação de maneira dinâmica, como um entrelaçamento no qual nenhum dos elementos determina totalmente o outro, mas ambos se constroem e reconstroem juntos. Assim, concordamos com o Stephen Nugent (1981) quando afirma que as práticas sociais não são determinadas pelos ecossistemas nos quais ocorrem<sup>10</sup>. Nesse sentido, a Amazônia ribeirinha – um ambiente que exige que seus moradores lidem cotidianamente com as constantes transformações, e que foi descrito na literatura de maneira estereotipada como um meio “hostil” ou um

---

10. Nugent critica os pressupostos da ecologia cultural (de autores como Julian Steward, Mervin Harris, Daniel Gross, etc.) e do seu prolongamento, a antropologia ecológica (Emílio Moran e seguidores), cujo objetivo é entender os mecanismos de adaptação das sociedades humanas aos seus ambientes. Nugent mostra que isso leva a um determinismo ambiental.

“inferno verde” – é um laboratório útil para pôr à prova essa afirmação. Através dos oito exemplos etnográficos apresentados nesta coletânea, vemos grupos sociais distintos (ribeirinhos do interior, indígenas, quilombolas, moradores de cidades) enfrentando um mesmo desafio – as alterações nas paisagens provocadas pelo ciclo das águas, a instabilidade dos territórios vividos – mas respondendo de maneiras diferentes. A convergência se dá na percepção dessas populações sobre a atuação de agentes não humanos (vegetais, animais, espirituais) nesses processos. Segundo nossos interlocutores, as interações entre os coletivos humanos e não humanos moldam as paisagens, participando da sua transformação no decorrer do tempo.

As perguntas levantadas nessa coletânea e os exemplos etnográficos apresentados entram em ressonância com trabalhos desenvolvidos em outras paisagens “evanescentes”, localizadas em outros lugares do mundo e em outros ecossistemas: a vida “anfíbia” no rio Keli na Finlândia (KRAUSE, 2010) e no delta McKenzie no Canadá (KRAUSE, 2017), as trilhas de gelo dos Inuit durante o inverno canadense que desaparecem no verão, transformando os eixos de circulação das pessoas e das renas (APORTA, 2002; 2009; 2011), as caminhadas dos índios Pataxó nas paisagens “em transe” do Nordeste brasileiro (CARDOSO, 2016) ou, ainda, as interações entre os índios Q’eros e os agentes não humanos responsáveis pelo derretimento dos glaciares nos Andes peruanos (COMETTI, 2015).

No vasto escopo dos trabalhos antropológicos sobre as relações entre o homem e o ambiente, observamos hoje um campo de pesquisa em curso de delineamento. Os autores deste campo interessam-se por paisagens dinâmicas, apreendidas etnograficamente como processos contínuos de interações entre coletivos. As paisagens são construídas e se reconstróem ao mesmo tempo que seus habitantes se deslocam nelas, seguindo trilhas que remetem a grandes desafios sociais ao longo do tempo (crescimento populacional, sedentarização, conflitos armados, gestão de recursos que se tornam escassos, etc.). As paisagens evoluem sempre, são muitas vezes “evanescentes” (como as apresentadas neste volume) ou “contestadas” (BENDER; WINER, 2001). Os pesquisadores, então, apreendem os processos de formação e transformação das paisagens percorrendo os lugares junto com seus interlocutores, às vezes informando a própria narrativa etnográfica, como nos lindos trabalhos de Hugh Raffles (2002), Ben Orlove (2002) ou ainda Thiago Cardoso (2016). As pesquisas desse campo são desenvolvidas com base nas leituras fenomenológicas da antropologia ambiental, num contexto político iniciado nos anos 1990 com a Conferência Eco-92, no Rio de Janeiro, em que a preocupação com questões ambientais (poluição atmosférica, desmatamento, perda da biodiversidade, etc.) ganhou maior visibilidade na mídia e em agendas governamentais de diferentes países. No Brasil, essa preocupação impulsionou a

criação de unidades de proteção ambiental, parte delas habitadas por populações que passaram a ser legalmente consideradas como “tradicionais” e que são objeto de estudo de diversos textos aqui apresentados. Com esta coletânea queremos destacar uma vertente da antropologia amazônica que vem atualmente crescendo e que participa plenamente dessas discussões.

## Referências

---

- ADAMS, C.; MURRIETA, R.; NEVES, W. A. **Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade**. São Paulo: Annablume, 2006. 378 p.
- ALENCAR, E. F. **Terra Caída: Encante, Lugares e Identidades**. 262 p. Tese de Doutorado (antropologia) - Universidade de Brasília, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade**. *Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política*, v. 16, n. 2, p. 95-110, 2007.
- \_\_\_\_\_. **“Nesse tempo não existia essas ilhas por ali”**: sobre modos de perceber o ambiente e narrar o passado. *Iluminuras (Porto Alegre)*, v. 14, n.º 34, p. 11-32, 2013.
- APORTA, C. **Life on the ice: understanding the codes of a changing environment**. *Polar Record*, v. 38, n. 207, p. 341-354, 2002.
- \_\_\_\_\_. **The Trail as Home: Inuit and Their Pan-Arctic Network of Routes**. *Human Ecology*, v. 37, n. 2, p. 131-146, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Shifting perspectives on shifting ice: documenting and representing Inuit use of the sea ice**. *Canadian Geographer / Le Géographe canadien*, v. 55, n. 1, p. 6-19, 2011.
- ARAÚJO, R. **Manejo ecológico, manejos políticos: observações preliminares sobre conflitos sociais numa área do Baixo Amazonas**. In: D'INCAO, M. A.; SILVEIRA, I. M. (orgs.), *Amazônia e a crise da modernização*. 2 ed. Belém: MPEG, 1999, p. 297-306.
- AYRES, J. M.; MOURA, E. A. F.; LIMA-AYRES, D. de M. **Estação Ecológica Mamirauá: o desafio de preservar a várzea na Amazônia**. In: FRANCO, H. B. *Trópico em Movimento: alternativas contra a pobreza e a destruição ambiental no trópico úmido*. Belém: UFPA, POEMA, 1994, 312 p.
- BALÉE, W. **The culture of Amazonian forests**. In: POSEY, Darrel A.; BALÉE, W. (Org.). *Resource management in Amazonia: indigenous and folk strategies*. New York: New York Botanical Garden, 1989. p. 1-21.
- BENDER, B.; WINER, M. **Contested Landscapes: Movement, Exile and Place**. London: Bloomsbury Academic, 2001. 414 p.
- BLANC, G.; DEMEULENAERE, E.; FEUERHAHN, W. **Humanités environnementales: enquêtes et contre-enquêtes**. Paris: Publications de la Sorbonne, 2017. 350 p.
- BOYER-ARAÚJO, V. **Femmes et cultes de possession au Brésil: les compagnons invisibles**. Paris, l'Harmattan, 1993. v. 1, 287 p.
- BRONDIZIO, E. et al. **Estratégias de subsistência de uma população ribeirinha do Rio Marajó-Açú, Ilha de Marajó, Brasil**. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 9, n. 2, p. 153-170, 1989.



- CARDOSO, T. M. **Paisagens em transe:** uma etnografia sobre poética e cosmopolítica dos lugares habitados pelos Pataxó no Monte Pascoal. Tese de Doutorado (Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.
- CASTRO, F. de; MCGRATH, D. G.; FUTEMMA, C. T. **Reservas de lago e o manejo comunitário da pesca no Baixo Amazonas:** uma avaliação preliminar. In: D'INCAO, M. A.; SILVEIRA, I. M. (Org.). *A Amazônia e a Crise da Modernização*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994. p. 389-402.
- CHIBNIK, M. **Risky Rivers:** The Economics and Politics of Floodplain Farming in Amazonia. Tucson: University of Arizona Press, 1994. 267 p.
- COMETTI, G. **Lorsque le Brouillard a cessé de nous écouter.** Changement climatique et migrations chez les Q'eros des Andes Péruviennes. Bern, Berlin, Bruxelles, Frankfurt am Main, New York, Oxford, Wien: Peter Lang, 2015.
- CRAVALHO, M. A. **Shameless Creatures:** An Ethnozoology of the Amazon River Dolphin. *Ethnology*, v. 38, n° 1, p. 47-58, 1999.
- DEMEULENAERE, E. **L'anthropologie au-delà de l'anthropos.** Un récit par les marges de la discipline. In: BLANC, G.; DEMEULENAERE, E.; FEUERHAHN, W. (org.), *Humanités environnementales. Enquêtes et contre-enquêtes*. Paris: Editions de la Sorbonne, 2017.
- DESCOLA, P. **La nature domestique:** symbolisme et praxis dans l'écologie des Achuar. In: FONDATION SINGER-POLIGNAC (Org.). Paris, Maison des sciences de l'homme, 1986. 450 p.
- \_\_\_\_\_. **Par-delà nature et culture.** Paris: Gallimard, 2005. 623 p.
- \_\_\_\_\_. **L'écologie des autres:** l'anthropologie et la question de la nature. Versailles, Éd. Quac, 2011. 110 p.
- \_\_\_\_\_. **Além de natureza e cultura.** *Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia*, v. 3, n. 1, p. 137-155, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Outras naturezas, outras culturas.** São Paulo: Editora 34, 2016. 64 p.
- FAULHABER, P. **O navio encantado:** etnia e alianças em Tefé. Belém: MPEG, 1987. 253 p.
- FOLHES, R. T. **O Lago Grande do Curuai:** história fundiária, usos da terra e relações de poder numa área de transição várzea-terra firme na Amazônia. 299 p. Tese de Doutorado (Geografia) - Université Paris III Sorbonne Nouvelle & Universidade Federal do Pará, 2016.
- FRAXE, T. de J. P. **Homens anfíbios:** etnografia de um campesinato das águas. São Paulo, Annablume, 2011. 223 p.

- FURTADO, L. G. **Pescadores do rio Amazonas**: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área Amazônica. Belém: MPEG, 1993. 486 p.
- GALVÃO, E. **Santos e visagens**: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. 153 p.
- HARRIS, M. **The Rhythm of Life on the Amazon Floodplain**: Seasonality and Sociality in a Riverine Village. *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 4, n. 1, p. 65-82, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Life on the Amazon**: the anthropology of a Brazilian peasant village. London: British Academy, 2000. 236 p.
- \_\_\_\_\_. **Riding a wave**: Embodied skills and colonial history on the Amazon floodplain. *Ethnos*, v. 70, n° 2, p. 197-219, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Rhythm of wetland life**. Seasonality and Sociality. *The Oxford Handbook of Wetland Archaeology*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 739-750.
- HIRAOKA, M. **Mudanças nos padrões econômicos de uma população ribeirinha do Estuário do Amazonas**. In: FURTADO, L. G. (Org.), *Povos das águas: realidade e perspectiva na Amazônia*. Belém: MPEG, 1993.
- INGOLD, T. **Culture, nature, environment**: steps to an ecology of life. In: *The Perception of the Environment. Essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000a. p. 13-26.
- \_\_\_\_\_. **The perception of the environment**: essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2000b. 465 p.
- \_\_\_\_\_. **The temporality of the landscape**. In: *The perception of the Environment. Essays on livelihood, dwelling and skill*. London, New York: Routledge, 2000c. p. 189-208.
- \_\_\_\_\_. **Estar Vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Prêter attention au commun qui vient**. *Multitudes*, n. 68, p. 157-169, 2017.
- KRAUSE, F. **Thinking like a river**: An anthropology of water and its uses along the Kemi River, Northern Finland. 302 p. - University of Aberdeen, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Towards an Amphibious Anthropology of Delta Life**. *Human Ecology*, v. 45, n. 3, p. 403-408, 2017.
- LIMA, D.; ALENCAR, E. F. **A lembrança da História**: memória social, ambiente e identidade na várzea do Médio Solimões. *Lusotopie*, p. 27-48, 2001.
- LIMA, D. de M. **A construção histórica do termo caboclo**: Sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. *Novos Cadernos NAEA*, v. 2, n. 2, p. 5-32, 1999.

- LIMA, D. de M.; ALENCAR, E. F. **Histórico da ocupação humana e mobilidade geográfica de assentamentos na várzea do Médio Solimões.** In: TORRES, H.; COSTA, H. (Org.). *População e Meio Ambiente: debates e desafios.* São Paulo: Senac, 2000. p. 133-161.
- LIMA, D.; POZZOBON, J. **Amazônia socioambiental.** Sustentabilidade ecológica e diversidade social. *Estudos Avançados*, v. 19, n. 54, p. 45–76, 2005.
- LIMA-AYRES, D. de M. **The social category caboclo.** History, social organization, identity and outsider's social classification of the rural population of an Amazonian region (the middle Solimões). 342 p. PhD - King's College, 1992.
- MAUÉS, R. H. **A ilha encantada:** medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores. Belém: Centro de Filosofia e Ciências Humanas, NAEA/UFGPA, 1990. 271 p.
- \_\_\_\_\_. **Padres, pajés, santos e festas:** catolicismo popular e controle eclesiástico: um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia. Belém: Editora Cejup, 1995. 522 p.
- MORAN, E. F. **Through Amazonian eyes:** the human ecology of Amazonian populations. Iowa City: University of Iowa Press, 1993. 230 p.
- NUGENT, S. **Amazonia:** Ecosystem and Social System. *Man*, v. 16, n. 1, p. 62-74, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Amazonian caboclo society:** an essay on invisibility and peasant economy. Providence: Berg, 1993. 278 p.
- ORLOVE, B. **Lines in the water:** nature and culture at Lake Titicaca. Berkeley: University of California Press, 2002. 287 p.
- PADOCH, C. **Várzea:** Diversity, Development, and Conservation of Amazonia's White-water Floodplains. Bronx, N.Y.: New York Botanical Garden, 1999. 407 p.
- PARKER, E. P. **The Amazon Caboclo:** Historical and Contemporary Perspectives. Williamsburg: College of William and Mary, 1985. 367 p.
- POSEY, D. A.; BALÉE, W. L. **Resource management in Amazonia:** indigenous and folk strategies. Bronx: New York Botanical Garden, 1989. 287 p.
- RAFFLES, H. **In Amazonia:** a natural history. Princeton: Princeton University Press, 2002. 302 p.
- SAUMA, J. F. **The Deep and the Erepecuru:** tracing transgressions in an Amazonian Quilombola territory. Ph.D. Dissertation - University College London, 2013.
- SLATER, C. **Dance of the Dolphin.** Transformation and disenchantment in the Amazonian imagination. Chicago: The University of Chicago Press, 1994. 321 p.
- SMITH, N. J. H. **The Enchanted Amazon Rain Forest:** Stories from a Vanishing World. Gainesville: University Press of Florida, 1996. 220 p.

- STOLL, E. **Rivalités riveraines** : territoires, stratégies familiales et sorcellerie en Amazonie brésilienne. 563 p. Tese de Doutorado (Antropologia) - Ecole Pratique des Hautes Etudes / Universidade Federal do Pará, 2014.
- VALENTIN, T. **L'Amazonie métisse** : narrations et définitions des figures de soi et d'autrui au sein de villages ruraux du Nord du Brésil - Etat du Pará. Tese de Doutorado (Antropologia) - Université Lumière Lyon 2, 2001.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio**. *Mana*, v. 2, n. 2, p. 115–144, 1996.
- WAGLEY, C. W. **Uma comunidade amazônica**: estudo do homem nos trópicos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977. 312 p.

EMILIE STOLL  
EDNA ALENCAR  
RICARDO FOLHES  
CHANTAL MEDAETS  
(ORGS.)

## **PAISAGENS EVANESCENTES**

Estudos sobre a percepção das transformações  
nas paisagens pelos moradores dos rios amazônicos

Belém, Paris  
2019



## **UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**

Reitor: Emmanuel Zagury Tourinho

Vice-Reitor: Gilmar Pereira da Silva

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Maria Iracilda da Cunha Sampaio

## **NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS - NAEA**

Diretor: Durbens Martins Nascimento

Diretor Adjunto: Silvio José de Lima Figueiredo

## **EDITORIA**

Nirvia Ravena - Editora-Chefe

Lairson Costa - Diretor Executivo

## **COMISSÃO EDITORIAL**

Edna Castro, NAEA/UFPA

Flavio Gaitán, UNILA

Gisela Leitão, EUC (Colômbia)

Lucimara Costa, UFAM

Marion Glaser, LCTME (Alemanha)

Monica Aparecida da Rocha Silva, UFT

Nirvia Ravena, NAEA/UFPA

Peter May, UFRJ

Renato Boschi, IESP/UFRJ

## **COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO E DIFUSÃO CIENTÍFICA**

Durbens Martins Nascimento (interino)

Texto revisado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

**Diagramação / Capa**

Laurence Billault

**Revisão Final**

Lairson Costa

**Imagem da capa**

© Véronique Isabelle

*Autoretrato II*, 2008-2013, acrílico sobre tela, 151 x 120 cm

**Tradução do prefácio**

Chantal Medaets



---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Biblioteca do NAEA/UFPA-Belém-PA**

---

P149

Paisagens evanescentes : estudos sobre a percepção das transformações nas paisagens pelos moradores dos rios Amazônicos / Emilie Stoll ... [et al.], (orgs).- Belém : NAEA, 2019.

244 p. : il. ; 21 cm

Inclui bibliografias

ISBN 978-85-7143-183-6 (impresso)

ISBN 978-85-7143-182-9 (e-book)

1. Etnologia - Amazônia. 2. Ecologia social - Amazônia. 3. Paisagens - Amazônia. I. Stoll, Emilie, [et al.], orgs.

CDD 22. ed. – 305.8009811

---

**Elaborado por Maria do Socorro Barbosa Albuquerque – CRB-2/871**

© Editora Naea

Av. Perimetral, Número 1- Guamá, Belém-PA, CEP 66075-750

Telefone (91)3201-8521, editora\_naea@ufpa.br